

Vale do Paraíba | de 5 a 12 de Novembro de 2010 | R\$ 1,00 | www.jornalcontato.com.br

Compadrio na terra de Lobato

Justiça bloqueia bens do prefeito e de dois assessores

*TJ derruba liminar e bloqueia
bens de Peixoto, Sérgio Nascimento
e Júlio César Oliveira por causa
dos altos salários pagos ao diretor
de Administração, o que foi
revelado por CONTATO.*

Pág. 3



Caçadas de Pedrinho

Lobato sob censura

**CNE condena livro por conteúdo
racista; sociedade reage.**

Págs. 6 e 7

Eleições 2010

Entrevista com FHC

**“Não endosso o PSDB que não
defende sua história”.**

Pág. 5

Monteclaro César

Factóide pirotécnico

**Diretor de Trânsito fala do que
não entende: mudança da UNITAU.**

Pág. 4

Um século à vista



Maria do Rosário apaga 97 velinhas

Dona Maria do Rosário é uma pessoa muito querida pelos funcionários e professoras aposentadas da Escola Dr. Quirino. Por isso mesmo, eles não deixaram passar em bran-

co seus 97 anos no dia 21 de outubro. Reunidos no Taubaté Country Club, dona Maria do Rosário foi homenageada com um bolo como primeiro ensaio para a festa de seu centenário daqui a três anos. "Rosa é um

exemplo para todos pela sua amizade e amor às pessoas, pela sua alegria e entusiasmo pela vida", diz a amiga Adair. Na foto a aniversariante está rodeada pela amiga Célia Lopes, o marido e a irmã.

PSB Paulista

Para agradecer a lealdade e os votos obtidos nas últimas eleições, Paulo Skaf candidato ao governo de São Paulo pelo PSB, promoveu um almoço nas dependências da FIESP (Federação das Indústrias de São Paulo) com os candidatos a deputado estadual e federal do partido. A vereadora Graça que conseguiu 24.112 votos na sua campanha

para deputada federal representou a terra de Lobato. Os eleitores de Taubaté foram um dos mais simpáticos no estado à campanha de Paulo Skaf. Segundo Graça, a votação de Skaf em Taubaté foi obtida graças ao empenho da militância, do empresariado local e de parceiros como Albertino de Abreu (Ciesp), Fernando Takao (Senai), Antônio Jorge (Sesi) e tantos outros.



Da esquerda para a direita: Matheus (assessor), Eliane Abissamra (candidata a dep. federal), Edson Oliveira (professor do Senai), Paulo Skaf, e os candidatos a deputado federal Graça e Marcelinho Carioca

Bazar de Artesanato

Quem já está à procura de presentes de Natal não pode perder o Bazar de Artesanato que acontece no sábado, 6, na varanda da Dona Bella, na praça Felix Guisard. As arteiras Ya San Levy e amigas prometem opções de produtos selecionados para decoração, moda, acessórios e muito mais. O bazar acontece das 9h00 às 19h00. Parte da renda será revertida para o Centro Espírita Caminho de Luz.

Memória esportiva

O Panathlon Club Taubaté promove na quinta-feira, 11, uma homenagem à memória esportiva de Taubaté. A lista de homenageados já supera 30 nomes de figuras que representaram a cidade em diferentes modalidades esportivas. O evento conta com parceiros como CIESP, SESI, Milclean e Araya. A homenagem terá início às 19h30 no SESI localizado na Avenida Voluntário Benedito Sérgio, 710.

Fórum de Políticas Públicas

O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e o Conselho Tutelar promovem no sábado, 6, o Fórum Permanente de Debate de Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes. O evento acontece na Escola Estadual Monseñor João Alves, localizada na Avenida Helvino de Moraes, 840, Vila São José, a partir das 10h.

Diálogo Franco

Neste domingo, dia 07/11/10, o Programa Diálogo Franco com Carlos Marcondes, entrevistará Eduardo Cury - Prefeito de São José dos Campos, às 08h30 da manhã, na TV Band Vale. Não perca!



Expediente

Diretor de redação
Paulo de Tarso Venceslau

Editor e Jornalista responsável
Pedro Venceslau - MTB: 43730/SP

Impressão
Gráfica O Vale
Jornal CONTATO é uma publicação de Venceslau e Venceslau Publicações e Eventos Jornalísticos
CNPJ: 07.278.549/0001-91

Colaboradores
Antonio Marmo de Oliveira
Aquilino Rique Reis
Beti Cruz
Fabrício Junqueira
João Gibier
José Carlos Sebe Bom Meihy
Lídia Meireles
Renato Teixeira

Editoração Gráfica
Nicole Doná
nicoledona@gmail.com

Redação
Francisco Eugênio de Toledo, 195 - Conj. 11 - Centro - Taubaté -
CEP 12050-010 Fones: (12)3621-9209 - jornalcontato@jornalcontato.com.br



Justiça condena o compadrio

Peixoto, Julio César e Sérgio Luiz estão com os bens indisponíveis

A justiça tarda e às vezes não falha é a máxima adaptada para a terra de Lobato desde as últimas derrapadas ocorridas na Vara da Fazenda e principalmente na Justiça Eleitoral que deixou de lado o mérito de crime com provas documentais inquestionáveis; mas o Tribunal de Justiça do Estado (TJE) divulgou na quarta-feira, 3, a decisão de suspender o pagamento das "indenizações" do diretor da Administração, bloquear seus bens e os do prefeito Roberto Peixoto e do assessor jurídico Sérgio Luiz do Nascimento



Tardou e não falhou...

Tudo começou com duas reportagens de capa nas edições 449 e 458 de CONTATO. A primeira estampava na capa a manchete **Salário de marajá na Prefeitura** - Por incrível que pareça, caiu no colo da Tia Anastácia um documento que aponta o salário mensal de R\$ 33.147,35 e na coluna da Tia Anastácia **Salário de marajá na Prefeitura** - Por incrível que pareça, caiu no colo da Tia Anastácia um documento que aponta o salário mensal de R\$ 33.147,35 desde agosto de 2009 para um servidor cuja matrícula termina em 583; essa notícia deverá provocar o maior burburinho em Brasília e Arruda promete vir tomar satisfação assim que sair da cadeia.

Tardou e não falhou... 2

A segunda trazia na capa Segredos do salário de R\$ 33.147,35 e uma reportagem que revelava "o tortuoso caminho que alçou um funcionário público municipal da terra de Lobato, não concursado, ao papel de marajá com um salário mensal de R\$ 33.147,35, um dos mais altos da República e os recursos pouco convencionais empregados pelos inquilinos do Palácio Bom Conselho, em especial por Júlio César Oliveira, o marajá beneficiado.

Tardou e não falhou... 3

Essas duas matérias encontra-

ram receptividade no Ministério Público que moveu uma ação civil pública contra a prefeitura com argumentos muito parecidos com os da reportagem de CONTATO, porém, com muito mais detalhes. Confira:

1. Demitido em 1995, Júlio César de Oliveira, após decisão judicial, foi reintegrado ao serviço público em 2000. Alegando que não poderia retornar ao trabalho, requereu licença sem remuneração em abril, que foi indeferido. Inconformado, impetrou mandado de segurança com pedido liminar, pretendendo a concessão da licença. A liminar foi indeferida em maio, mas o servidor não retornou ao trabalho. Em agosto, a ordem foi denegada e em fevereiro de 2005 foi negado provimento ao apelo do servidor.

2. O processo administrativo para apurar o abandono de emprego culminou com a aplicação da pena de demissão pelo Prefeito Municipal José Bernardo Ortiz. Inconformado, o demitido impetrou mandado de segurança, mas a ordem foi denegada.

3. Em abril de 2005, Júlio César requereu revisão do processo administrativo, alegando que

não poderia ter sido instaurado enquanto estivesse pendente o julgamento do mandado de segurança contra o ato que indeferiu a concessão de licença não remunerada.

4. Após parecer favorável do Chefe da Procuradoria Judicial da Prefeitura de Taubaté, o Prefeito Municipal Roberto Pereira Peixoto declarou sem efeito a demissão, restabelecendo todos os direitos de Júlio César, reintegrando-o em setembro de 2005 que requereu o pagamento de seus vencimentos a partir do mês de novembro de 2003 até o dia 9 de junho de 2005.

5. A Administração apurou ser devido ao servidor o valor líquido de R\$71.167,36 (fls. 192/195). Em março de 2006, Júlio César propôs ao município o pagamento de R\$60.000,00, divididos em doze parcelas mensais de R\$5.000,00. Apesar do acordo o município pagou ao servidor, entre abril de 2006 e março de 2007, onze parcelas de R\$7.550,89, totalizando R\$83.059,79.

6. Em 17 de agosto 2009, Júlio César requereu o pagamento de seus vencimentos referentes ao período de abril de 2000 até outubro

de 2003. O promotor destaca que "cumpre observar que nesse período o servidor se recusou a trabalhar, o que ensejou a demissão por abandono de emprego (...) e que inexistia motivo para o pagamento de atrasados, mormente pelo fato de que o servidor havia requerido licença sem remuneração nesse período".

7. Mesmo assim, sem questionar, a prefeitura apurou como devido o valor líquido de R\$163.332,22 e determinou o pagamento do montante em dez parcelas mensais, que "teve início no mesmo mês do requerimento e, novamente, se deu em valor superior ao apurado".

8. Foram pagas a Júlio César dez parcelas de R\$24.974,67 que não constam os demonstrativos de pagamento dos meses de março a maio, "nos quais provavelmente foram pagas as parcelas 8, 9 e 10/10".

9. Em 2007, Júlio César recebeu R\$350.000,00 dividido em oito parcelas de R\$43.750,00 (fls.725/726), referente ao período de janeiro de 1995, quando demitido pela primeira vez, a janeiro de 2000, quando reintegrado ao serviço público por determinação judicial.

10. O MP afirma que "referida indenização não é questionada na presente ação civil pública, mas cumpre observar que no respectivo cálculo foi incluído o valor de uma licença-prêmio com período aquisitivo entre 3.4.2000 a 2.4.2005, embora entre 2000 e 2003 o servidor tenha se recusado a trabalhar. Computando-se apenas as indenizações decorrentes da revisão administrativa impugnada, Júlio César recebeu o montante de R\$348.470,57 (11 parcelas de R\$7.550,89 + 10 parcelas de R\$24.974,67 + 1 licença-prêmio de R\$15.664,08) - valores não atualizados".

Tardou e não falhou... 4

O Juiz da Vara da Fazenda de

Taubaté não endossou os argumentos recheados de provas do MP e negar liminar postulada pelo promotor. Imediatamente o Promotor recorreu ao Tribunal de Justiça. A 10ª Câmara de Direito Público do Tribunal de Justiça de São Paulo proferiu, no dia 18 de setembro, a seguinte decisão: "POR MAIORIA DE VOTOS, DERAM PROVIMENTO EM PARTE AO RECURSO.

Tardou e não falhou... 5

A desembargadora Maria Tereza Marques concluiu e decidiu que:

"2. Considerando a ausência de trabalho no período de 1.4.2000 até 31.10.2003, vislumbro forte relevância para suspender, provisoriamente, o pagamento de indenizações ao réu Júlio César. Além disso, considerando o vulto das parcelas já recebidas, se impõe também a indisponibilidade de bens de ambos os réus, limitada ao valor dado à causa, pois um deles exerce cargo eletivo e o outro cargo em comissão, não havendo garantia de que, na hipótese de condenação ao final, estejam percebendo remuneração suficiente para enfrentar eventual devolução de dinheiro ao erário.

Também a conduta de ambos, esquivando-se de cumprir as decisões judiciais nos processos indicados na inicial, torna forte a probabilidade de que tentarão descumprir eventual condenação. Evidente, portanto, o fundado receio de ausência, dilapidação ou ocultação de patrimônio, justificando prevenir com determinação de indisponibilidade.

3. Apenas o afastamento dos réus de seus respectivos cargos não se mostra necessário. Os fatos já ocorreram e os dados que evitaram fornecer no processo constam de documentos bancários e de cadastros informatizados no município, não havendo assim o risco de prejuízo irreparável à instrução.

Pelo meu voto, portanto, dou provimento parcial ao recurso".

Ao contrário de Brasília, o compadrio em Taubaté está sendo combatido pela Justiça.

Mais um factóide pirotécnico de Monteclaro César, diretor do Trânsito



Monteclaro autorizou a Anhanguera e quer mudar a UNITAU

O jornal O Vale de domingo, 31 de outubro, noticiou que a Prefeitura de Taubaté deverá apresentar à Universidade de Taubaté, Unitau, uma proposta para centralizar os campi da instituição na área que hoje abriga o Departamento de Ciências Agrárias, no começo da estrada de Sete Voltas com um único objetivo: desafogar o trânsito.

O porta-voz desse novo factóide é o doublé de arquiteto que assina Monteclaro César Júnior e está diretor do departamento de Trânsito. Do alto de sua sapiência urbanística, ele descobre que a universidade é um polo gerador de trânsito e que nas férias, o movimento de veículos no centro diminui em até 30%. Realmente uma tirada de gênio. Infelizmente, um “gênio” que está fazendo seu curso primário na segunda maior cidade do Vale do Paraíba, devidamente custeado pelo meu, pelo seu, pelo nosso dinheirinho.

Mais um pouco, Monteclaro poderá ser chamado de Lula valeparaibano, ou seja, aquele que faz uma série de bondades com

o chapéu dos outros. Seria cômico se trágico não fosse. Acontece que o arquiteto tem feito de tudo para aparecer na mídia e entrar na fila dos que pretendem disputar a eleição para prefeito em 2012 com o apoio em todos os sentidos de Roberto Peixoto, atual titular do condomínio que habita as despedências do Palácio Bom Conselho.

Acontece que o discurso do arquiteto é um amontoado de mentiras e bobagens. Exagero? Pois bem; ele tem a coragem de afirmar com a maior cara de pau que o local escolhido é a área que hoje abriga a faculdade de agronomia porque lá “tem espaço para abrigar todos os cursos e poderia centralizar o campus unificado” e com isso diminuir o tráfego. Foi o que disse o diretor do Departamento de Trânsito ao O Vale.

Mentira pura. CONTATO apurou que isso é coisa da cabeça do arquiteto. O projeto de mudança existe de fato, mas não tem nada a ver com a Agronomia e muito menos com o objetivo de reduzir o tráfego urbano e com a falta de oferta de estacionamento nas unidades da

Unitau.

Monteclaro tira do bolso do colete uma carta que qualquer pedregulho da estrada Sete Voltas conhece: o Departamento de Ciências Agrárias está a apenas cinco quilômetros do centro da cidade e ocupa uma área de 65 hectares. Só mesmo um brilhante arquiteto para “descobrir” essa “novidade”.

Antecedentes

Monteclaro Claro é o arquiteto das rotatórias que ainda levará a terra de Lobato para o Guinness, o livro dos recordes, como a primeira cidade a ficar totalmente paralisada devido a esses franksteins do trânsito criados por toda a malha urbana. Sem esquecer da participação do prefeito. Engenheiro formado pela própria Unitau, Peixoto foi flagrado por este repórter orientando como deveriam ser construídas as rotatórias na rua Humaitá: braço esquerdo esticado com mão espalmada e mão direita também espalmada entre os dois olhos dizendo para os trabalhadores “uma pouco mais para esquerda, um pouco mais pra direita”. Pior, tudo isso na frente de engenheiros da prefeitura que a tudo assistiam em silêncio. Resultado: todas as rotatórias tiveram de ser refeitas e as que não o foram não suportam caminhões e ônibus.

Mais grave ainda é o dinheiro público jogado fora. O mesmo Monteclaro que anuncia no maior diário do Vale que a Unitau é fonte geradora de tráfego foi o mesmo diretor que autorizou a construção do

campus da Faculdade Anhanguera localizado ao lado do início do viaduto que liga o centro da cidade com a área do Taubaté Shopping. Qualquer garoto sabe que o movimento daquela escola é totalmente incompatível com a malha viária disponível. A população de Taubaté que o diga quando alguém é obrigado a transitar por aquela região em período escolar.

Curiosamente, na Câmara Municipal os vereadores assistem passivamente ao crime que as nossas autoridades cometem contra a atual e as futuras gerações da terra de Lobato. Nenhum vereador questionou o Palácio Bom Conselho sobre essa temerária decisão de autorizar a construção da Anhanguera, que serviu de lição ao mesmo arquiteto diretor de trânsito ao descobrir que a escolas, hospitais e shoppings são geradores de trânsito. Nem tampouco o que teria levado a escola a trocar a área inicialmente prevista - as antigas instalações da Ciro Atacadista ou seu entorno, como a UNIP fez em São José dos Campos no campus localizado na fronteira daquela cidade com Jacareí, à margem esquerda da Rodovia Presidente Dutra em direção à capital paulista. Nenhum vereador se interessou até hoje em investigar a vantagem que uma importante figura palaciana teria levado daquela escola: receber graciosamente o “direito” de explorar sua cantina.

Na mesma reportagem, o arquiteto das rotatórias afirma: “Temos projetos de expansão viária na região sul, inclusive com a constru-

ção de um anel viário cortando essa região. É possível dar suporte para a mudança.” Uma falácia do mesmo diretor que em 2008 autorizou a construção de conjunto habitacional em área exclusivamente industrial com base em uma mudança que ele achou que conseguiria realizar no Plano Diretor não aprovado até hoje. O processo que cassou o prefeito reeleito em primeira instância possui provas documentais de valores que foram depositados na campanha de Peixoto pela empresa beneficiada pelo arroubo do então diretor de Planejamento, arquiteto Monteclaro César.

O próprio reitor da Unitau, professor José Rui Camargo, deu pistas na mesma reportagem de O Vale, que o discurso de Monteclaro é pura pirotecnia. O reitor “afirmou que outras áreas estão em estudo para sediar o projeto, mas preferiu não adiantar os locais. ‘Estamos visitando alguns terrenos, mas ainda não definimos a área, queremos um local que possa abrigar uma verdadeira cidade universitária, com espaço para esportes, lojas, praça de alimentação.’ Entre as vantagens da união dos cursos, de acordo com ele, estão a possibilidade de compartilhar laboratórios e bibliotecas, reduzir custos com manutenção e aluguel dos prédios e modernizar a estrutura dos cursos.”

Tudo indica que não passou de mais um passa-moleque na imprensa por um pré-candidato à sucessão de Peixoto que quer aparecer de qualquer jeito nos veículos de comunicação. **IC**



Monteclaro César quer acabar com o caótico trânsito com a mudança da UNITAU; um gênio!

As eleições segundo Fernando Henrique Cardoso

FHC não endossa mais PSDB que não defenda a sua história

Muitas análises povoarão veículos de comunicação, ambientes acadêmicos e grande parte da militância partidária para explicar ou justificar a vitória da candidata petista e a derrota do tucano; uma opinião, porém, merece atenção especial: a do ex-presidente (1995-2002) Fernando Henrique Cardoso presidente de honra do PSDB

FHC não é um analista qualquer, muito embora seus adversários insistam em desqualificar sua obra respeitada no mundo inteiro por todos os estudiosos da realidade brasileira. Por isso mesmo, vale a pena refletir sobre sua afirmação de que a tradição brasileira de “corporativismo estatizante está voltando” e que Lula é uma “metamorfose ambulante que faz a mediação de tudo com tudo”. Eis um resumo da entrevista concedida na segunda-feira, 1º de outubro a Maria Cristina Frias e Vinícius Mota da Folha de São Paulo:

José Serra aproveitou a oportunidade do segundo turno como deveria?

FHC - Lula ficou muito fixado numa comparação para trás, os candidatos esqueceram a campanha e não definiram o futuro. Esse é o desafio. O nosso futuro vai ser, outra vez, fornecer produtos primários? Ou vamos desenvolver inovação, modificar a educação, continuar a industrialização. Isso não foi posto [na campanha]. Qual será nossa matriz energética. Preocupa-me muito a discussão do petróleo.

Petrobras

Preocupa-me sua supercapitalização sem que se saiba bem qual será o modelo de venda desse petróleo. É uma estatização cujo risco quem corre é o Estado, ao contrário do modelo de concessão. O que estamos fazendo é uma dívida. O Tesouro faz a dívida com o mercado e empresta para o BNDES ou para a Petrobras. É como se não precisássemos mais poupar. Mas a dívida está aí. Essa questão o PSDB não politizou. O governo Lula mobiliza fundos públicos e paraestatais e patrocina a formação de grandes empresas no país, uma espécie de complexo “industrial-burocrático”, parodiando o “industrial-militar” do Eisenhower. O problema agora é de tendência, de gigantismo de uns poucos grupos, nesse complexo, que na verdade é sindical-burocrático-industrial, com forte orientação de escolher os vencedores. Isso é ariscado do ponto de vista político e leva ao protecionismo.



Magdalena Gutierrez/Acervo Pr.FHC

Chegou a vez de Aécio Neves no PSDB?

Ele se saiu bem nessa campanha. Não posso dizer que passou a primeiro lugar porque o Serra mostrou persistência e teve um desempenho razoável. Mas não estou disposto mais a dar endosso a um PSDB que não defenda a sua história. Tem limites para isso, porque não dá certo. Tem de defender o que nós fizemos. A privatização das teles foi bom para o povo, para o Tesouro e para o país. A privatização da Vale foi um gol importante, porque, além do mais, a Vale é uma empresa nacional. A privatização da Embraer foi ótima. Então por que não dizer isso? Por que não defender? Privatizar não

é entregar o país ao adversário, pegar o dinheiro do povo e jogar fora. Não. É valorizar o dinheiro do país. Tudo isso criou mais emprego, deu mais renda para o Estado.

Volta de temas como religião na campanha

Vejo com preocupação. O Estado é laico, e trazer a questão religiosa para primeiro plano de uma discussão política não ajuda.

Marqueteiros

Nós entramos num marquetismo perigoso, que despolitiza. Hoje a campanha faz pesquisas e vê o que a população quer naquele momento. Sem perceber que a verdadeira questão é como você trans-

forma em problema uma coisa que a população não percebeu ainda como problema. Liderar é isso. Aí você abre um caminho. A pesquisa é útil não para você repetir o que ela disse, mas para você tentar influenciar no comportamento, a partir de seus valores. Liderança política é justamente você propor valor novo. O líder muda, não segue.

Diferenças entre PT e PSDB

Você se lembra de quando fui presidente? A ambição de todo mundo era cortar a burocracia. Por quê? Porque foi politizado. É preciso politizar, e não é na hora da campanha. É agora. Não é para daqui a quatro anos. Daqui a quatro anos é tarde. Ou durante quatro anos você martela os seus valores e transforma os seus valores em algo que é compartilhado por mais gente, ou chega lá e não consegue. É tarde.

Lula falou sozinho

Quando o nosso sistema presidencialista é exercido a partir de uma pessoa carismática como o Lula e que tem por trás um partido organizado, ele quase se torna um pensamento único. Aqui, fora da campanha, só o governo fala. Quando fala sem parar, o caso atual, e sob forma de propaganda, fica difícil de controlar. Jornal dá o “outro lado”, mas a TV não dá -- só dá na campanha. O que a mídia em geral transmitiu ao longo desses oito anos? Lula, violência e futebol.

Como resistir à força gravitacional do Planalto

Não é fácil, porque os Estados têm interesses administrativos. Mas um pouco mais de consistência oposicionista pode. No regime militar, Montoro e Tancredo eram governadores e se opunham. É preciso recuperar um pouco essa dimensão política. Mas o carro chefe para puxar [a oposição] não pode ser o governador. Tem de ser o partido. E não é o PSDB só. Esses 44 milhões [do Serra] não são do PSDB. É uma parte da sociedade brasileira que pensa de outra maneira. E não se pode aceitar a ideia de que são os mais pobres contra os mais ricos. Nunca vi uma elite tão grande: 44 milhões de pessoas.

Polarização nacional entre PT e PSDB há 16 anos tem feito mais bem ou mais mal ao Brasil?

O que o Chile fez na forma da Concertação [aliança entre o Partido Socialista e a Democracia Cristã que governou o Chile de 1990 a 2010], fizemos aqui sob a forma de oposição. Há muito mais uma linha de continuidade que de quebra. Queira ou não queira, o pessoal do PT aderiu, grosso modo, ao caminho aberto por nós. Isso é que deu crescimento ao Brasil. A briga, na verdade, é pelo poder, não é tanto pelo conteúdo que se faz. No tempo que cheguei lá, eu escrevi o que ia fazer e fiz. Nunca mudei o rumo. O Lula mudou o rumo. Tem aí o começo de um mais burocrático-sindical-industrial. E tem uma diferença na concepção da democracia, e o PSDB tem de acentuar essa diferença. A nossa tradição é de corporativismo estatizante, e isso está voltando. É uma mistura fina, uma mistura de Getúlio, Geisel e Lula. O Lula é mais complicado que isso, porque é isso e o contrário disso. Como é a metamorfose ambulante, faz a mediação de tudo com tudo. Não sei como Dilma vai proceder.

Isso tende a se aprofundar nesse novo governo?

Sim, a segunda parte do segundo mandato de Lula foi assim. A crise global deu a desculpa para o Estado gastar mais. Não acho que o Brasil vá no sentido da Venezuela porque a sociedade nossa é mais forte. Aqui há empresas, imprensa, universidades, igrejas, uma sociedade civil maior, mais forte. Isso leva o governo a também ter cautela. Veja o discurso da Dilma de segunda-feira, 1º. Ela beijou a cruz.

O que esperar de Dilma Rousseff na presidência?

Nós não sabemos não só o que ela pensa, mas como é que ela faz. O Brasil deu um cheque em branco para a Dilma. Vamos ver o que vai acontecer com a conjuntura econômica, mundial e aqui. Há um problema complicado na balança de pagamentos, um déficit crescente, uma taxa de juros elevada e uma taxa de câmbio cruel. 

Monteiro Lobato sob censura

Ícone da literatura infantil pode ter uma de suas obras proibida em escolas de ensino público; Conselho Nacional de Educação (CNE) defende que a publicação apresenta conteúdo racista, desperta reações contra e defesas acaloradas enquanto o próprio ministro da Educação promete rever a posição do Conselho



Censura ao livro *Caçadas de Pedrinho* pode ser a primeira de uma série ainda não revelada

Monteiro Lobato está na mira do Conselho Nacional de Educação (CNE). Um parecer do órgão publicado no Diário Oficial da União quer vetar a utilização do

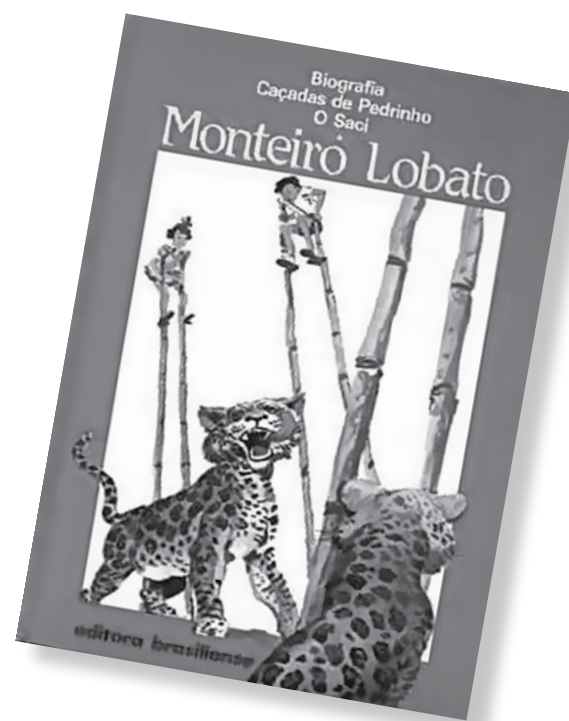
livro *“Caçadas de Pedrinho”* em escolas da rede pública de ensino por apresentar conteúdo racista. Segundo o texto do Conselho, alguns trechos estariam “revestidos de estereotipia ao negro e ao universo

africano”. Para entrar em vigor, o parecer precisa ser homologado pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad. Ao jornal *Estado de S. Paulo* o ministro afirmou que não irá decidir nada no “calor do mo-

mento”, ressaltando que é preciso pensar melhor sobre o tema.

O início da polêmica se deu com a denúncia de Antonio Gomes da Costa Neto, servidor da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal, à Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, contra o uso do livro. A pasta encaminhou a crítica ao Conselho, que deu parecer contra o uso da obra, numa votação unânime.

negro no Brasil defendem parecer do Conselho. “Nós, da Educafro, consideramos Monteiro Lobato um dos grandes escritores brasileiros. Ele escreveu em seu tempo, no seu contexto histórico”, diz frei David, da ONG Educafro. Ele faz associação ao movimento KuKluxKan, grupo racista que teve atuação forte no sul dos EUA na primeira metade do século 20. “Eles (Ku Klux Kan) faziam coisas que, naquele tempo,



Em relatório seguido de voto, a conselheira Nilma Lino concordou com as alegações encaminhadas pela denúncia.

No voto, a conselheira pontua: “A despeito do importante caráter literário da obra de Monteiro Lobato, o qual não se pode negar, é necessário considerar que somos sujeitos da nossa própria época (...) responsáveis pelos desdobramentos e efeitos das opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias no contexto que vivemos.”

Representantes do movimento

eram compreensíveis pela sociedade americana e hoje são questionadas”, afirmou.

Na quarta-feira, 3, o ministro da Educação, Fernando Haddad informou que pedirá ao CNE (Conselho Nacional de Educação) que reveja o parecer que recomendou restrições à distribuição do livro *“Caçadas de Pedrinho”*, de Monteiro Lobato, em escolas públicas. Haddad informou ter recebido diversas reclamações de educadores e especialistas contra a decisão do CNE. “Foram muitas manifestações para que o MEC



Monteiro Lobato entre jovens estudantes portenhos

afaste qualquer hipótese de censura a qualquer obra”, afirmou.

O ministro disse não ver racismo na obra, mas ainda assim não descartou a possibilidade de editoras redigirem as notas explicativas sobre o contexto em que determinada obra foi escrita quando isso for considerado necessário. Para o ministro, qualquer que seja a decisão do CNE, ela deverá valer para todos os livros e não para apenas um específico.

Conteúdo racista

Lançado em 1933, “Caçadas de Pedrinho” narra a expedição de Pedrinho e a turma do Sítio em busca de uma onça pintada. Durante a caçada, as crianças encontram Quindim, um rinoceronte falante e deci-

cultural, como nos trechos abaixo: “... e Tia Anastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.”

“É guerra, e guerra das boas. Não vai escapar ninguém - nem Tia Anastácia, que tem carne negra.”

Animais como urubu e macaco são citados no enredo e, para Costa Neto, reforçaria ainda mais os estereótipos relacionados ao negro e ao universo africano.

Repercussão Marisa Lajolo, Unicamp

A possível censura de uma das obras de Monteiro Lobato repercu-

Para a escritora Marisa Lajolo, o veto à obra de Lobato é um equívoco. “Eles fizeram uma leitura simples de uma questão muito ampla. Monteiro Lobato é campeão de censura em diferentes épocas da história brasileira”. Marisa, autora do livro “Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida”, lembra as fases em que Lobato teve suas obras questionadas. “Ele já foi tido como anticlerical e não adotado por muitas Secretarias de Educação; o apelo ao comunismo fez com que ele fosse censurado pelo governo; agora pegaram a questão do racismo”.

Além de escritora, Marisa é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Estadual de Campinas atuando principalmente nas áreas de história da leitura, literatura infantil e juvenil e Monteiro Lobato. Como professora, Marisa afirma que cabe aos professores trabalharem essas questões mais polêmicas com os alunos. “Cada sala de aula apresenta uma situação diferente. Monteiro Lobato pode representar situações de choque para os alunos, mas cabe ao professor trabalhar cada situação. Ele é um autor tão envolvente que praticamente nos faz refletir sobre questões que sempre se voltam ao nosso cotidiano”.

José Carlos Sebe Bom Meihy

Professor aposentado da Universidade de São Paulo e convidado por universidades de todo o planeta para proferir palestras sobre o Brasil, José Carlos Sebe não aceita a censura que está sendo imposta à obra de Monteiro Lobato mas afirma que não se surpreendeu.

Há muito tempo a obra de Lobato tem sido descaracterizada. O Saci perdeu o cachimbo, o Jeca perdeu o cigarro de palha, deixou de ser caipira e transformou-se em um trabalhador urbano desde que o próprio Lobato assinou contrato comercial com o Biotônico Fontoura. Mais grave foi transformar a Emília cor de jambo em uma branquela. Agora a crítica racial foi transferida para o Pedrinho”, lamenta o professor.

Essa descaracterização foi or-

questrada pela Rede Globo, principalmente, e por empresas como a indústria de brinquedo Estrela ao tentar transformar os personagens de Lobato em figuras politicamente corretas nas novelas sobre as obras do autor.

Sebe lamenta também que não tenha ocorrido até hoje qualquer manifestação mais séria por parte do mundo acadêmico a respeito desse assunto. “Não conheço nenhum órgão inteligente que tenha criticado essa abordagem utilitarista das obras de Lobato pelo sistema. A Emília da TV não tem nada a ver com o personagem da literatura”.

Uma hipótese para esse distanciamento pode estar no comportamento errático de Lobato que sempre oscilou entre posições conflitantes. Recentemente o jornal Folha de São Paulo divulgou que entre 1934 e 1937, o escritor Monteiro Lobato se correspondeu intensamente com um engenheiro de petróleo suíço chamado Charles Frankie. Foram 113 cartas trocadas entre ambos e que são objeto de estudos das pesquisadoras Kátia Chiaradia e Marisa Lajolo, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

A análise desse material já revelou algo inesperado: a intimi-

sina mais que ela.”

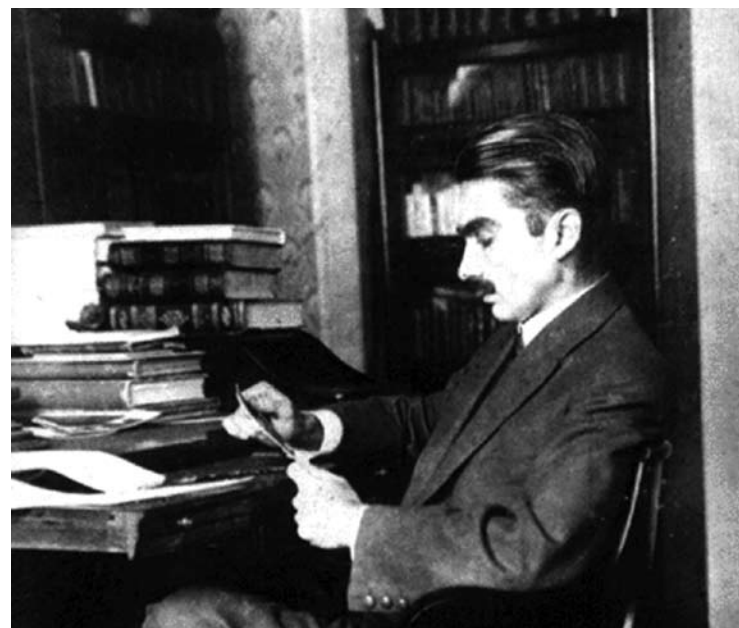
Linha do tempo

Em Taubaté, sua cidade natal, Lobato também sofreu com a censura. Nos anos 20, a Câmara Municipal propôs o banimento das obras do escritor da cidade. Em 1931, Getúlio Vargas cria o Departamento Oficial de Propaganda e Lobato é indicado para dirigir o Departamento, mas recusa o convite.

Coincidência ou não, após a sua recusa, seus livros infantis foram considerados desaconselháveis para as crianças católicas. A proibição partiu da Igreja, que definha todo o poder sobre as instituições educacionais católicas com o aval do Estado.

Em 1947, é lançado o livro “Zé Brasil” que já entra na lista dos títulos considerados perigosos para a segurança nacional. Segundo o padre Sales Brasil, crítico ferrenho das obras de Lobato, o livro propunha ao Brasil uma solução favorável à Rússia e inteiramente desfavorável à subsistência da brasilidade.

Vale lembrar que na segunda parte de “Caçadas de Pedrinho” é relatada a divertida história de Quindim, um rinoceronte que escapou de um circo. Diante do fato, o governo cria um “Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte”,



Lobato é conhecido por posições erráticas; jamais pela defesa do racismo



Referências a Tia Nastácia estimulariam posições racistas em jovens leitores

dem trazê-lo para morar com eles.

Ao longo da história, o autor faz referências a Tia Anastácia que foram consideradas pelo denunciante como práticas de racismo

tiu em vários meios de comunicação e também em sites e blogs na internet. Em uma rápida busca é possível achar vários resultados e todos contrários a posição do CNE.

dade de Monteiro Lobato com os alemães poucos anos antes da 2ª Guerra Mundial. Ao mesmo tempo em que o escritor criticava a interferência de empresas americanas na exploração do petróleo no Brasil, ele pretendia utilizar capital germânico em empreendimentos na área.

A novidade é surpreendente porque Lobato até hoje é considerado por grupos nacionalistas como o precursor da campanha “O Petróleo é Nosso” e como o intelectual que lançou as sementes para a criação da Petrobras.

Outro exemplo desse caminho errático de Lobato foi seu deslumbramento pelos Estados Unidos que o fez registrar que “Um dia de Nova York — escreveu Lobato — vale uma vida no Brasil — pelo menos en-

com direito a um chefe e doze auxiliares muito bem remunerados. Todos se esforçam ao máximo para não encontrar o bicho, uma vez que, se isso acontecesse, todos perderiam a boquinha. No final do livro Quindim acaba se incorporando à família do Sítio, como parceiro das crianças e em desafio ao Estado que o caça. Ao ousar colocar os meninos como protagonistas dessa “rebeldia”, a obra de Lobato chegou a ser classificada de “comunista” pelo padre Sales Brasil, em 1959. Na mesma época, vários livros de Monteiro Lobato são queimados no pátio do Colégio Idessa. “As obras dele eram acusadas de ser comunistas até o surgimento do Sítio do Pica-Pau Amarelo na televisão” afirma Pedro Rubin, estudioso da história de Taubaté. 

Sextas no TCC

Boa música e bons amigos



Muito conchavo rolou entre Sérgio e Kakalo, o nome mais cogitado para suceder Julai



Beto sempre bem acompanhado



Márcia e Santana nunca deixam de prestigiar os eventos do TCC



Carlão e sua musa Alessandra levaram pela primeira vez ao TCC a herdeira Giovanna

Músicas de qualidade combinam com amigos alegres e serviço de qualidade. A bebida continua gelada mas a co-

mida precisa melhorar. Enquanto não muda, continuam a rolar os conchavos para a sucessão de Julai em 2011 e muito carinho entre os casais apaixonados. 



Curtindo o Club




Biathlon

Taubaté Country Club Programação Social

- Dia 5 – Sexta-feira - Bere Trio no Grill Restaurante às 21h
- Dia 5 – Sexta-feira – Lançamento CD do Rafinha no Ginásio Gino Consorte às 21h30
- Dia 6 – Sábado – Du Guerrero no Grill Restaurante às 13h
- Dia 6 – Sábado – Banda Hori no Ginásio Gino Consorte às 18h
- Dia 7 – Domingo – Jorginho e convidado no Grill Restaurante às 13h
- Dia 7 – Domingo – Turma da Mônica no Ginásio Gino Consorte às 16h



DIA 05 DE NOVEMBRO
SEXTA-FEIRA A PARTIR DAS 21H00

RAFINHA
ACÚSTICO

SHOW DE LANÇAMENTO
DO CD "VIDA PREFERIDA"

GRAVAÇÃO DE SEU PRIMEIRO DVD

WWW.RAFINHAACUSTICO.COM



Taubaté Country Club
Apresenta

**RITMOS
DE
BOATE**

DJ Marcelo Paixão

Dia 20/11
23h

Convites cortesia para associados

Bons vinhos antes que comece o verão

A Universidade do Vinho, Univinho, promoveu mais uma noite de degustação para seus associados e (poucos) convidados. O espaço foi muito selecionado: o Restaurante Moenda que retomou suas atividades com espaços cada vez mais aconchegantes. O mais recente é a parte externa que foi transformada em um salão onde estão preservadas todas as árvores e plantas. E a gastronomia está cada vez melhor. Mas o objetivo dos confrades é degustar sempre novos vinhos para apurar a sensibilidade que só é possível praticando. Por isso mesmo, a Importadora Cone Leste, de Campos do Jordão selecionou um espumante e dois tintos que foram apresentados pelo seu sommelier Rogério. **IC**



Américo, um dos mais entendidos de vinho, levou o amigo João enquanto Carlos Sogal levou a namorada



Ravani não resistiu e fez questão de sair na foto dos diretores Carlos, Arimathéa, Carmona e Rosângela



Alexandre Danelli fornece detalhes do espumante a Ravani, sob os olhares de Assis e Luis Cláudio



Fernando Senai Takao ficou de olhos abertos durante toda a exposição do sommelier Rogério

Renato e amigos

Na cerimônia de entrega do Título de Cidadão Taubateano para Paulo de Tarso Venceslau, diretor de redação do CONTATO, Renato Teixeira reviu muitos velhos amigos. Sua presença conseguiu tirar da toca Fernando Frediani, o Téio, que deixou de lado o pijama de bolinha e as pantufas para prestigiar o evento e reencontrar uma turma que há muito tempo não via. **IC**



Marta Shopping Serra, Rogério Bilard e Flávia Badaró não perderam a oportunidade de abraçar Dentinho



Ya avisou que vai comercializar a foto com o cantor e composit



Téio Frediani conseguiu sair de casa para prestigiar e rever amigos



Renato folheia o livro feito em homenagem a Paulo que observa junto com Carmelo e Abrahão



Marcos Vasques e sua esposa Marlene fizeram questão de registrar o reencontro com Renatinho

Lado B

Por Mary Bergamota
www.ladob.net
Fotos: Luciano Dinamarco (dinamarco@mac.com)



Conferindo o tom do carnaval à Festa do Saci, com muito suingue, **Mayara Ferreira** soltou a voz e pôs luizenses e visitantes para dançar, tudo em volta do Coretinho no domingo, dia 31.



Neste Raloim Caipira, **Ditão Virgílio** lançou o livro “Estórias de uma perna só” no Restaurante Sol Nascente e, para quem ainda duvida, avisa: saci, você ainda vai ver um. Ainda mais se for a São Luiz do Paraitinga: <http://bit.ly/9cH67l>

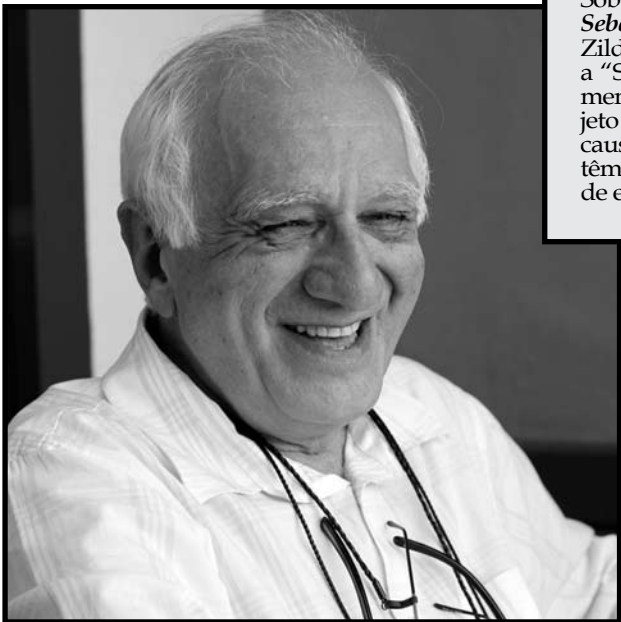
O olhar curioso de **Ana Teixeira**, artista e mestra em Poéticas Visuais pela USP, que nasceu em Caçapava e passou toda a infância em Pindamonhangaba, conduziu a visita mágica de nossas crianças à Bienal de Arte de SP, no sábado, 30, com direito a repeteco nos dias 6 e 13. Para conferir o trabalho da moça e saber mais sobre os sábados curiosos, basta acessar www.anateixeira.com



Dia de Todos os Santos também é dia de **Vó Nira**: em 1º de novembro, a primeira dama da tradição luizense completou 85 anos muito bem vividos, com causos e causos para contar, sempre com muito bom humor.



A irreverência da SOSACI - Sociedade de Observadores de Saci, que tem sede junto ao inusitado restaurante Sol Nascente, estava muito bem representada nas ruas de São Luiz do Paraitinga, em especial, com **José Luiz Ohi** e **Mario Cândido**.



Sob a batuta do **Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy**, ao lado da Profª Zilda Iokoi, os trabalhos relativos a “São Luiz do Paraitinga: dever de memória e prática de cidadania. Projeto de história oral sobre o trauma causado pelas enchentes de 2010” têm continuidade, com novas visitas de estudantes da USP à cidade.

Renascimento

*Renasço
A cada dia no
Coração da palavra, e
Desse coração,
Brotou a flor mimosa
Do sonho, esse que me
Põe desperta,
Dá-me horizonte,
Todo a céu aberto!
AH! flor do amor
Que em chão
Molhado ergue
Minha casa,
O barro nobre
Guarda lugar,
Escancara a
Porta; acolhe,
Dá assento,
Alimento e me
Consome;
Envolve a menina,
Liberta a mulher
Tornando-me
Poeta e serpentina.
Em rio parado
Esperei oceano,
De tanto esperar
Calou-me o canto.
Ora mais lúcida
Mudei o plano, e
Em rio meu
Tracei estrada
Abri caminho,
A voar segui em
Disparada rumo
Ao ninho, só ali nasço
De novo, rebento
Forte, parido
A força
Deste
Velho ventre
Ensanguentado!*

ssc.hu



Estranha perseguição a "Caçadas de Pedrinho"

Na primeira noite, eles se aproximam e colhem uma flor de nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem, pisam as flores, matam nosso cão. E não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a lua e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E porque não dissemos nada, já não podemos dizer nada.

Ainda que não seja certo, este poema é atribuído a Maiakovski. Vários outros correlatos têm surgido ao longo do tempo apoiando-se na mesma proposta: o aviso sobre as não providências frente a ataques progressivos que nos acometem. Sim, cabe a palavra "comodismo" ou mesmo "alienação".

Este alerta se coloca como farol frente o absurdo veto à obra "Caçadas de Pedrinho", do nosso tão pouco entendido e sempre deformado Monteiro Lobato. Antes de costurar idéias sobre o impacto de Lobato na crítica brasileira, corre o alerta para a absoluta falta de cuidado da cidade em vista da produção reflexiva sobre seu filho mais ilustre. Vale pavimentar o chão para esse reconhecimento com as pedras da lástima e do lamento, profundos. Tristes sentimentos, pois tudo estava anunciado e não quisemos ver.

Pois é, o veto às "Caçadas de Pedrinho" decorreu da Relatora Conselheira Nilma Lino Gomes que referendou o parecer de Antonio Gomes da Costa Neto apontando o tratamento dado a animais vindos da África (urubus, macacos e demais bichos ferozes). Junta-se a isso as referências à personagem feminina, negra e servil, Tia Anastácia e os éteres do que se supõe "preconceituoso" e "racista" embebedam quantos advogam ditames do "politicamente correto". Essas idéias seriam apenas polêmicas se não levassem a chancela do potente Conselho Nacional de Educação (CNE). A agravar tudo, é exatamente essa instituição que regula os livros a serem comprados e distribuídos nacionalmente. E nessas águas pretende-se naufragar o inocente "Caçadas de Pedrinho", que não fará parte das listas indicadas para divulgação.

Perplexos, alguns dos mais importantes críticos literários brasileiros pegam em armas contra o espantoso veto – sobretudo imperdoável vindo de um órgão público, ligado à difusão da leitura e, portanto, da educação para a democracia. Comandando o exército que se forma, a batalhadora Marisa Lajolo pede apoio a todos. Por certo não faltarão soldados para esta boa luta.

Interessa, no entanto, assinalar dois fatores que se abraçam envolvendo Taubaté. Um, a permissividade, a atitude sempre passiva e imitadora de nossos professores, intelectuais e promotores de políticas culturais e turísticas. Confesso que não agüento ver teatrinhos caricaturando modelos estereotipados e nem estátuas divinizando não Lobato, mas suas imitações baratas. O acatamento pouco inteligente às seqüentes deformações à obra de Lobato é prova de nossa inércia e falta de inteligência. Ao longo dos anos, assumida por importantes emissoras e interesses econômicos que visam em primeiro lugar transformar Lobato em mercadoria de fácil consumo, foram roubados os indicadores originais do grande autor. Em se falando de literatura para crianças, vejamos o que aconteceu com o Saci: sequestraram-lhe o cachimbo, pois não seria exemplar mostrá-lo fumando – ainda que personagens como o ET de Spielberg possam ostentar o fumo. O mesmo Saci não bebe como sugerem os inventários do próprio Lobato. Não bastasse, a Emília que na proposta seria "cor de jambo", portanto mulata, ser "embranquiçada" e inculcada no imaginário na forma proposta pela TV Globo. O mesmo se diz dos caipiras de quem tiraram também o "pito" ou o "cigarro de palha".

Ora, seguindo essa linha que é política e que não oculta laivos ideológicos,

seria de se esperar maiores deformações ou mesmo vetos cretinos. A hipócrita "higienização" dos personagens de Lobato, agora promovida pela falta de tino de órgãos governamentais é apenas decorrência do que vem acontecendo. Não se trata de atitude isolada. Não mesmo. É erro continuado que também implica culpa a alguns críticos que, vendo tudo isso, aceitam tais deformações como alternativa de divulgação. Não seria difícil estender comentários e multiplicar exemplos, mas vale jogar luzes na responsabilidade de nossa urbe.

Com tantos anos decorridos, Taubaté não soube ainda articular um centro de estudos, uma entidade capaz de promover crítica ou fomentar linhas de pesquisas atentas à reflexão sobre Lobato. É uma lástima que uma cidade com duas universidades, com logradouro que se diz homenagem ao autor importante, não tenha agora uma palavra forte para defender. É tristíssimo!

Creio que o pior de tudo é que em outras culturas existem modelos, como se vê em relação a Tom Sawyer, de Mark Twain, nos Estados Unidos. É evidente que as marcas de um tempo em que o tratamento dado à questão racial sejam abordadas em seus contextos. É exatamente isso que interessa e que vale como fator educacional, pois teríamos, sob essa alternativa, motivo para retomar obras, não as deformando, mas sugerindo leituras ou parâmetros para pensar a mudança do tempo e os efeitos da cultura sobre escritos que valem pela graça e originalidade.

Volto ao verso inicial e evito a mera repetição perguntando: *porque não dissemos nada, já não podemos dizer nada?*

Fácil é alugar um carro da maior rede de aluguel de carros da América Latina.

Em Pindamonhangaba: Av. Jorge Tibiriçá, 161 - Tel.: (12) 3642-2596
Em Taubaté: Av. Nove de Julho, 580 - Tel.: (12) 3632-3600
Em Caçapava: Av. Coronel Manuel Inocêncio, 946 - Tel.: (12) 3653-5686



Aluguel de Carros
Localiza

R\$ **39,90***
Diárias a partir de
+ R\$ 0,46 por km rodado
Pagamento à vista ou em até 10x sem juros no cartão.**
Consulte opção com GPS.
Reservas 24h: 0800 979 2000
www.localiza.com

* Não estão incluídas taxas (5% ou 10%, dependendo da agência de retirada e/ou de devolução do carro), coberturas de risco e extras. Consulte as condições no www.localiza.com.
** Cartões de crédito American Express, Visa, Mastercard e Diners Club International emitidos no Brasil, exceto cartões Corporate.

Escolástico®

SEUS PÉS EM BOAS MÃOS!



De passagem

Por Paulo de Tarso Venceslau

“Rei morto, rei posto”

Dilma começou bem. Em seu primeiro discurso logo depois de eleita lembrou muito Antonio Palocci quando garantiu respeito aos contratos, ao assumir a Casa Civil no primeiro governo lulista. Foi uma boa surpresa. Agora, a eleita escapuliu do maniqueísmo da campanha para repisar conceitos nobres do Estado Democrático de Direito com destaque para a união nacional e a plena liberdade de informação, expressão e culto.

A candidata vencedora não se arriscou qualquer improviso daqueles em que Lula, seu patrono, é mestre. Frases buriladas com esmero, provavelmente por uma equipe pilotada pelo mineiro Luis Dulci, marcaram a fala da primeira mulher a presidir a República. Faltou emoção. Ainda bem. Um refresco depois do porre de populismo exacerbado com que Lula arrebatou (va) multidões.

A fala de Dilma se assemelhou muito mais aos discursos de um dos mandachuvas de sua campanha, o ex-czar da economia do primeiro lulismo, Antonio Palocci, que não saiu de seu lado nem no automóvel que a levou à festa. Tinha o mesmo DNA da Carta ao povo brasileiro, que ditou as regras da economia no primeiro mandato lulista.

Seria a compreensão exata da missão constitucional da eleita? Seria uma repetição do marechal Eurico Gaspar Dutra, único brasileiro que, como ela, nunca tinha desempenhado cargo eletivo antes de ser empossado na Presidência, o mais alto de todos eles?

Só o tempo dirá se a futura



presidente recorrerá ou não à Carta Magna como se fosse seu livro de orações, a conselho de Palocci.

Primeiros problemas

Na primeira curva, ainda na volta de aquecimento, eis que surge um PMDB ávido de cargos. Não há nada que se diga

sobre a maneira de o PT se relacionar com seus aliados que o PMDB não esteja cansado de saber. Adeptos tardios da política de alianças – só aderiram mesmo, depois de Lula perder três eleições presidenciais –, os petistas têm exata noção de ocupação de espaço e executam-na com rigor.

Quando eleito pela primeira vez, em 2002, Lula desarmou na última hora o acordo feito por José Dirceu para a entrada do PMDB no governo em postos de destaque junto com a banda que havia apoiado o PSDB na eleição, Michel Temer incluído, entre os governistas recém-convertidos.

Durante a campanha, Michel Temer, só apareceu na propaganda de televisão ao final e no primeiro turno ficou apartado, pelo menos de público. O PMDB só ganhou assento na coordenação do programa de governo após reclamações. Dilma agiu rapidamente e Temer recebeu o posto de “coordenador-geral” da transição. Cargo sem significado, pois as tarefas importantes estão com os petistas.

Mesmo sabendo de tudo isso, o PMDB acha que vale o trabalho de brigar todos os dias para se afirmar, calar quando for conveniente, falar quando for necessário e usar o poderio do partido no Congresso quando for indispensável lembrar ao Planalto, silenciosamente ou devidamente trombeteado, o valor da fatura que poderá ser executada a qualquer momento.

Fumaça branca

A notícia mais importante no meio de tiroteios e confetes é sem dúvida o sucesso do processo eleitoral que consagrou Dilma como sucessora (ou continuação) de Lula, colocando mais argamassa no alicerce da democracia no Brasil.

Após a vitória, Dilma Rousseff mostrou-se racional, elegante, mentalmente mais desenvolvida que na campanha e muito distante do estilo populista do atual presidente.

Tomara que Lula respeite suas próprias palavras pronunciadas em palanque: “rei morto, rei posto”. Eu acrescentaria um pequeno detalhe a esse final: e “viva o rei” enquanto perdurar o voto de confiança dos milhões de brasileiros e o respeito da quase metade dos eleitores que votaram no outro candidato. 

MILCLEAN Soluções em Limpeza Profissional

Produtos para limpeza, Descartáveis
Equipamentos e Suportes para Banheiro

ISO 9001:2008

Via Dutra Km 109 • Taubaté-SP • Fone: 55 12 3625.2200 • www.milclean.com.br

Envie suas dúvidas e sugestões para:

jornalcontato@jornalcontato.com.br

jornal
contato



Versão de Clara regenerada é dura de engolir

O genial Lupicínio Rodrigues, considerado o Adoniram Barbosa do Rio Grande do Sul, costumava dizer: "Todas as mulheres más que passaram por minha vida viraram música. As boas eu esqueci"

Guinada

Se vivo fosse, o músico e poeta certamente estaria indignado com a novela "Passione". Mas que história é essa de Clara deixar de ser vilã para se transformar em uma boa moça? A moça agora parece a Madre Teresa de Calcutá. Vive pedindo abraços para os outros. Um anjo. Ou melhor: um porre. Tudo indica que essa guinada é culpa do público. Como se o público entendesse alguma coisa de novela. Às favas com o público. Uma pesquisa com fãs da novela teria demonstrado que o povo torce para que a vilã da trama fique boazinha no final da novela. Os telespectadores "entendem" os motivos que levaram a garota a ser tão má. O que não entendo é porque esse mesmo público não manda matar a Carolina Dieckman, essa praga.

Fábrica da Mãe Joana

Esculhambaram de vez com a novela. Fred, o vilão que chega e já vai entrando, se tornará o maior acionista da fábrica Gouveia. Ele compra o maior lote ações de forma anônima, em um leilão. Definitivamente o autor precisa de umas aulinhas de economia...

Anula, lá, uma campanha do PT: Perda Total

Quem se emocionou com o jingle do Lula em 1989 vai adorar a nova versão: "Anula, lá". Fiz campanha pelo PT no feriadão: Perda Total. Aqui da janela da firma, que fica em frente à Marginal Pinheiros, deu para ver



que a turma não ouviu o apelo do vampiro brasileiro. Foi todo mundo para a praia levando um amigo. É o que se pode chamar protesto feliz.

A campanha terminou e alguns nomes não saem da cabeça. O Paulo Preto que terminou de afundar o Serra é um deles. Não parece nome de casa de Pai de Santo? "Paulo Preto traz o amor de volta em dez dias ou derruba o inimigo". Eu hein?! E tem também o "aloprado" Amaury Ribeiro Jr. Cada quebra de sigilo é um flash. Credo. E o pior é que ele trabalha na... Record. O legendário petista Hélio Bicudo bandeou para o lado do Serra. O sobrenome já diz tudo. Ah, e tem a Erenice Guerra, uma militante que não foge à luta. Mas o que será do Serra depois de domingo? Já tem gente defendendo a candidatura dele, que é palmeirense roxo, para presidente do... Palmeiras. Pelo menos lá ele teria o apoio integral dos verdes.

Curtas da novela

- Noiado e doidão, Danilo ressurge achando que matou o pai
- Mimi vira mordomo de Clô
- Diogo ameaça matar Totó para ficar com Clara
- Sinval e Fátima agendam casamento
- Felícia enfim termina com Totó
- Berillo seqüestra Jéssica
- Olga e Talarico têm um caso
- Melina beija Mauro
- Candê consegue adotar Cridinho



*"35 anos de solidez,
tradição e respeito por você"*

Av. JK, 701 - Esquina c/ Av. Da Saudade, 190 - Taubaté - SP
 Tel.: (12) 3632-9433 / Fax: (12) 3632-9678
 petroval@uol.com.br





Lição de mestre

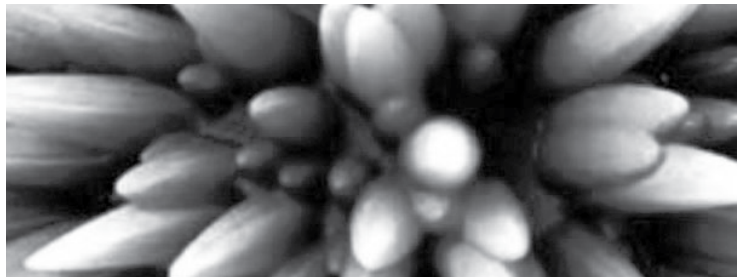
por Antônio Marmo de Oliveira
Professor Titular da Unifesp
Membro da Academia de Letras de Taubaté
antonio_m@uol.com.br

Nano-invenções, grandes descobertas

Com aplicações possíveis em diversos campos de pesquisa científica, desde a Física e a Química até a Biologia, e em quase todos os ramos da indústria, mas principalmente o da eletrônica, os progressos da nanotecnologia estão promovendo “giga-revoluções”

Nano-injeção

Graças aos nano-injetores, será mais fácil agora penetrar o núcleo de uma célula sem destruí-la. Uma pesquisa de um grupo da Universidade de Illinois, subsidiada pela National Science Foundation (o CNPq dos EUA), revela avanços nesse ramo em um artigo publicado na edição de 04 de Outubro de 2010 da revista científica *Small*. O objetivo é entender melhor o funcionamento do interior das células, para os estudos da genética. Costumava-se até há pouco injetar proteínas para investigar as atividades dentro dos núcleos, mas estas são grandes demais para o universo intra-celular e sensíveis demais à luz, o que as tornam difíceis de usar com microscópios fortes. A alternativa então seriam nanopartículas chamadas de pontos quânticos (quantum dots), que são menores e têm fluorescência, facilitando seu rastreamento e



permanecendo estáveis à luz.

Precedente

Em 2007 uma equipe de cientistas da Universidade da Califórnia em Berkeley e do Lawrence Berkeley National Laboratory propôs um método para injetar, de modo controlado, nanopartículas fluorescentes nas células vivas. O nano-injetor era então constituído de um nanotubo de carbono multiparede, à superfície do qual foram presos nano-

objetos a serem introduzidos nas células, no caso, o complexo estrepavidina – pontos quânticos.

Avanço

A equipe multidisciplinar de Illinois, ao seu turno, desenvolveu um nano-injetor que também funciona como eletrodo, capaz assim de colocar pontos quânticos em uma localização dentro da célula com grande precisão: o nanotubo media não mais de 50 nanômetros de largu-

ra e tinha uma fina camada de ouro. Primeiro eles carregaram o nano-injetor com os pontos quânticos. Uma pequena descarga elétrica soltou-os do injeto em seguida. Isto dá um nível de controle sobre a entrega das partículas na célula jamais alcançado, permitindo inclusive a difusão gradual dos objetos injetados. Dado que a agulha do nano-injetor é muito pequena, é possível perfurar a célula sem rompê-la totalmente. Os objetos introduzidos acedem então ao núcleo ou a outras organelas que se queiram estudar.

Átomos artificiais

Resultado das pesquisas do Instituto Nacional para Nanotecnologia do Canadá em conjunto com a Universidade de Alberta, desde 209 já é possível também controlar elétrons individualmente, o que torna mais acessíveis dispositivos baseados

em pontos quânticos e permitirá maiores avanços na computação. Composto de um único átomo de silício e com diâmetro menor que um nanômetro, os pesquisadores criaram o menor ponto quântico da História. Anteriormente, os pontos quânticos de modo geral mediam de 2 a 10 nanômetros em diâmetro. Todavia, as utilizações de pontos quânticos em experimentos da Física precisavam de temperaturas muito baixas para que pudessem acontecer. Os novos pontos quânticos do tamanho de átomos podem ser usados em temperatura ambiente. O controle sobre elétrons individuais que eles permitem também requerem pouco gasto de energia. Isto permitirá o desenvolvimento de componentes eletrônicos de ultra-baixa potência, que poderão ser usados em computadores (reduzindo o seu consumo de energia, por exemplo). 



Esporte

por Fabrício Junqueira
www.twitter.com/junqueiratte
e-mail: fabricaojunqueira@hotmail.com

Na Boca do Gol

Torcer pelo Taubaté: raiz não se escolhe, se preserva

Homenagem especial aos 96 anos do E.C. Taubaté

Torcer pelo E.C. Taubaté é algo especial. Digo isso, pois não nasci em Taubaté e infelizmente não moro mais na cidade. Entretanto, nos anos em que vivi na terra de Lobato, a mais doce recordação que tenho da minha infância está ligada à camisa azul e branca do glorioso Burro da Central. Como era bom, tempos de infância, impossível esquecer o momento que precede a entrada do time em campo. O Maciel correndo com os rojões atrás do gol de entrada, os repórteres na boca do vestiário e um senhor que sentava próximo da gente (eu, meu pai e meu irmão) que gritava a todo o momento: “Sorta o Burro!!!”

Não me esqueço da Dona Ditinha da “Camisa 14” e suas amigas xingando os reservas no banco adversário, dos corneteiros que tinham uma banda animada que sempre tocava o poropó-pó... Como esquecer o show da Explosão, e depois dos Dragões Alvi Azul e demais torcidas?

Às vezes eu pouco me importava com o resultado (pena que hoje eu me importe), pois não havia sofrimento, tinha picolé, refrigerante e pipoca.

Hoje já se passaram alguns anos dessas lembranças, e fico triste quando lembro que a nossa querida Ditinha não está mais indo ao Joazeirão. Triste ao ver que tanta gente hoje em dia prefira esquecer, ficar em casa ou fazer qualquer outra coisa, a ir ao

Joazeirão. Tem gente que pensa, “eu não faço mais falta”. Meu pai, os pais dos meus amigos e tantos outros pensam assim. Penso ao contrário, vocês fazem muita falta sim, todos os taubateanos de coração fazem falta.

Foram anos complicados, foram derrotas sofridas, decepções. Mas qual grande amor, qual grande paixão sobrevive sem dor? “Quem já passou por esta vida e não viveu, pode ser mais, mas sabe menos do que eu”, já escrevia o Vinícius e sofrimento faz parte. E a felicidade que vem depois é sempre compensadora. A infância se foi, mas o amor pelo clube do meu pai, avô e bisavô continua mais forte ainda em meu coração.

Torcer pelo Taubaté é acor-

dar cedo e viajar pelo estado, é torrar no sol do Joazeirão (ou ficar molhado na chuva), é sofrer com o radinho ligado e explodir em gols inesquecíveis, é entrar em um bar, ou estar em uma festa, falar do seu time de coração e sempre alguém lhe dizer, “Eu estava no Parque Antarctica em 1979”.

É ter orgulho de relembrar as glórias de um clube pioneiro na região, que fez tudo antes, que ensinou o caminho aos demais. Primeiro e que por mais tempo estive na elite do futebol paulista, primeiro a ceder técnico e jogadores à Seleção Brasileira, primeiro a fazer uma excursão ao nordeste e depois ao exterior, primeiro a conquistar por muitas vezes o interior paulista.

É único a ter um estádio próprio de futebol, erguido com o suor e trabalho de tantos apaixonados que fizeram do Esporte Clube Taubaté uma instituição que arrebatou até hoje tantos seguidores apaixonados, que mesmo em seu pior momento não mediram esforços para empurrar o clube rumo ao acesso mais incrível de todos os tempos, com direito a gol no último segundo de jogo.

Ser Taubaté é olhar para o céu azul e branco e se emocionar. É chorar e rir em poucos minutos, é ter esperança que muitos ainda irão voltar a vestir a camisa e sorrir em nossa próxima conquista. Raiz, não se escolhe, se preserva. 





Leny Andrade e Romero Lubambo – As estrelas cariocas

A carioca Leny Andrade é uma das maiores cantoras brasileiras. Por estranhos desígnios, que costumam interferir na vida artística de muitos músicos, sua genialidade não alça vôos que a levem aos ouvidos de um grande número de amantes da boa música. Essa intérprete destacada do primeiro time da música brasileira viveu por muito tempo no exterior, até voltar ao Brasil para se dedicar à música – sua razão de viver. Leny Andrade iniciou sua carreira como *crooner* da orquestra de Dick Farney e cantando em boates no Beco das Garrafas, em cujos palcos se iniciou a Bossa Nova.

Após gravar vários discos, foi buscar em Romero Lubambo o suporte para uma parceria que se mostrou extremamente rica em criatividade e pródiga em musicalidade. Lubambo, outro carioca que hoje integra o Trio da Paz, com o baixista Nilson Matta e o baterista Duduka Fonseca, é outro que se foi para os EUA buscando ares mais amenos para sua arte.

Leny Andrade e Romero Lubambo estão à disposição com o CD *Lua do Arpoador* (Biscoito Fino). Ela com sua voz; ele com seu violão; os dois com o samba e o jazz pulsando na alma. Ambos virtuosos. Ela com sua marca registrada: os *scats* vocais suingados, ele com o som cristalino das cordas do violão.

O CD começa com “No Pedaco” (Moacyr Luz e Sérgio Natureza), um samba de andamento ligeiro, no qual Leny, logo de cara, dá mostras de que seus agudos estão límpidos e de que sua marca registrada se fará prazerosamente presente. Segue-se “Desenredo (G.R.E.S. Unidos do Pau Brasil)” (Ivan Lins e Gonzaguinha). Se na primeira música Leny deu provas de a quantas anda o seu agudo, nesta demonstra igualmente que seus graves vão muito bem, obrigada.

Mas é com o clássico bossanovista “Influência do Jazz” (Carlos Lyra) que *Lua do Arpoador* deslan-



cha. Com andamento acelerado, o samba permite que o ouvinte perceba uma Leny absolutamente à vontade em meio aos acordes tocados virtuosamente por Romero Lubambo. Seu scat improvisado é mágico, como mágica é a voz que canta. O *intermezzo* criado por Lubambo é soberbo de tão limpo, de tão sonoro, de tão parceiro que é daquela a quem acompanha reverentemente.

Toninho Horta diz presente com “Aqui, Oh!”. (Ele que é talvez o mais discreto sócio do “Clube da Esquina”, deve ter sua genialidade tão destacada como a dos outros integrantes do grupo – Milton Nascimento, Lô e Marcio Borges, Flavio Venturini e Beto Guedes). Durval Ferreira e Regina Werneck compuseram a linda “Beijo Distraído”. Tem também Toots Thileman, com “Bluesette” – sem letra, sua melodia jazzística permite, mais uma vez, que Leny deite e role na improvisação feita para demonstrar que música é com ela mesma.

Lubambo dá show no *intermezzo* tocado genialmente. (O cara tem a mão direita supimpa, daquela que dá a impressão de haver uma banda tocando. Ele se vale de dinâmicas eficientes para empolgar; rasqueia as cordas para atizar; cria harmônicos para dar à música tons mais suaves; para cada música há uma solução mágica... Enfim, toca muito, o cara!).

Na faixa oito tem “Quando Você Não Vem”, bonito samba de Ivan Lins e Ronaldo Monteiro de Souza. Vem depois o samba rasgado de Moacyr Luz e Aldir Blanc, “Mandingueiro”, para o qual Lubambo criou uma levada inesperada e bela.

O ouvinte já está levitando quando começam “Violão Vadio” (Baden Powell e Paulo César Pinheiro), um clássico definitivo da música popular brasileira cuja interpretação de Leny e Lubambo o torna ainda mais categórico, e “Triste” (Tom Jobim), que inicia com um diálogo acelerado entre a voz e o violão, como se discutissem o que deveria ser dito a quem os ouve. Nas duas, a extensão vocal de Leny se mostra por inteiro. Mais do que nunca, sua voz revela uma senhora cantora.

O CD encerra com “Lua do Arpoador” (Ivan Lins e Ronaldo Monteiro de Souza), música suave como o disco (que disco admirável, meu Deus!), bela como a voz de Leny Andrade e inspirada como o violão de Romero Lubambo. **C**

Crônica

Carlos Karnas
Escritor

Da emoção e da convicção

Um recado. Um simples conjunto de recados herméticos, criogênicos, embalou o primeiro pronunciamento da primeira presidenta eleita do Brasil, Dilma Rousseff. Uma porta-voz de palanque que leu palavras em papéis, sem a convicção e a emoção que o momento histórico estava a exigir. Sua única emoção, no tom de voz, foi ao referir-se ao presidente Lula, a única pessoa que propiciou o feito de Dilma ser eleita presidenta, na primeira eleição da qual participou. E ao observar tal cenário, é de se imaginar que os brasileiros podem estar jogados à sua própria sorte, à medida que não conseguiram ter o baliçamento seguro, generoso, autêntico e crível da principal liderança política da Nação, eleita para dirigir o destino da Nação.

É de se pensar que a política brasileira sofre, está sem

vitalidade, pois há falta de estadistas. Onde não há grandiosidade na política e nos políticos, o *frisson* e a sensibilidade vital de um povo não se estabelecem, a não ser por outros meios. Provavelmente estamos na época dos relacionamentos frios, como parece ser o da presidenta eleita, separados das emoções em país que é emocionante pelo bom e pelo ruim e por tudo o quanto ainda precisa batalhar e conquistar.

A oportunidade de o feminino se estabelecer com grandiosidade na política e na presidência da nação ainda não foi aproveitada por quem deveria assumir essa condição, com convicção e determinismo, desenvoltura, elegância e carisma, desde o primeiro momento do resultado eleitoral. Talvez o continuísmo de longos anos de governo de um grupo político estabeleça valas comuns para os mesmos de sempre no poder, e a



convicção se esvaia pelo ralo. A campanha política à presidência, que se esgotou no próprio esgotamento e levou Dilma à vitória, parece estar agora transformada em pronunciamento pífio, panfletário, de quem é a mais impor-

tante personagem da história do Brasil deste momento.

Dilma Rousseff está eleita, democraticamente, indiscutivelmente. Tomará posse com toda a liturgia e cerimonial que o cargo exige. Será fato relevante e histórico: a pri-

meira mulher presidenta do Brasil. Fato incontestável e magnífico. Entretanto, há necessidade de o povo brasileiro ainda estar convencido que a sua escolha legal terá consequências positivas e prósperas em todos os segmentos e em todos os sentidos. Temos que apostar e exigir o melhor, o capaz, o ético, o digno, o transparente. Toda a vitória é emocionante. Infelizmente, após a eleição, a própria vitoriosa não demonstrou essa reação. Será que há emoção brasileira, genuinamente nacional em Dilma Rousseff? Isso é o que ainda deveremos ver.

Os desafios são enormes para a presidente, tão significativos quanto aquelas esperanças do povo brasileiro que a elegeu e daqueles que querem acreditar no futuro melhor. Bom seria se ter emoção e convicção. Dilma Rousseff ainda deve isso e todo o resto. **C**



Enquanto isso...

renatoteixeira@jornalcontato.com.br

reprodução

Quem te viu, quem te vê...

Quando me mudei para São Paulo, em 1968, a cidade ainda preservava um aspecto senhorial, evidenciando as classes sociais através de sua arquitetura. Fui morar em Cerqueira Cesar, um bairro incrustado em Pinheiros, numa área que pertenceu ao pai do escritor Oswald de Andrade. Morava num apartamento na rua Alves Guimarães, travessa da Teodoro Sampaio, perto do Hospital das Clínicas.

Nas imediações havia a Vila Madalena, um bairro de operários que na época já começava a abrigar a moçada que estava começando a vida e ainda não possuía dinheiro suficiente para coisa melhor.

Carolina Witacker alugou uma casinha bem pequena e, com muito bom gosto, transformou a humilde morada

num cantinho dos sonhos. A Vila até hoje vive desse conceito.

Depois, com os anos setenta a todo vapor, a cidade foi perdendo o charme quatrocentão e os comerciantes resolveram ocupar o espaço arquitetônico, cobrindo com placas qualquer pedaço de parede onde coubesse uma publicidade.

Certa vez, durante uma daquelas sempre imundas campanhas políticas, ao passar pela 23 de Maio, me senti diante de uma mega exposição de Hélio Oiticica, tamanha a quantidade de anúncios pendurados nos postes que formavam surpreendentes parangolés tropicalistas.

Outra vez, para comemorar as festas de fim de ano, os lojistas resolveram acarpetar a Rua Augusta com horrorosos retângulos de feltro verdes e amarelos.

Assim, a cidade foi sumindo por trás dos outdoors financiados pela ganância, pelo dinheiro a qualquer custo.

Nem percebi quando foi, mas, a partir de um determinado momento São Paulo começou a me irritar profundamente. Então, me tornei mais uma vítima da poluição visual que tomou conta de tudo. Para onde se olhasse, lá estava ele, o anúncio.

Comecei a raciocinar sobre o assunto e, já nos anos oitenta, me tornei uma espécie de inimigo declarado da poluição visual. Num programa da Jovem Pan, onde eu estava fazendo divulgação do meu trabalho, surgiu um papo sobre violência urbana e eu não perdi a chance:

- Despoluam o visual e a violência cai trinta por cento.

Daí pra frente, ficamos quase que o programa todo falando desse tema. A conclusão final

era de que não havia "vontade política". Político vive de votos e qualquer coisa que ponha em risco seus números, ele nem pensa mais no assunto.

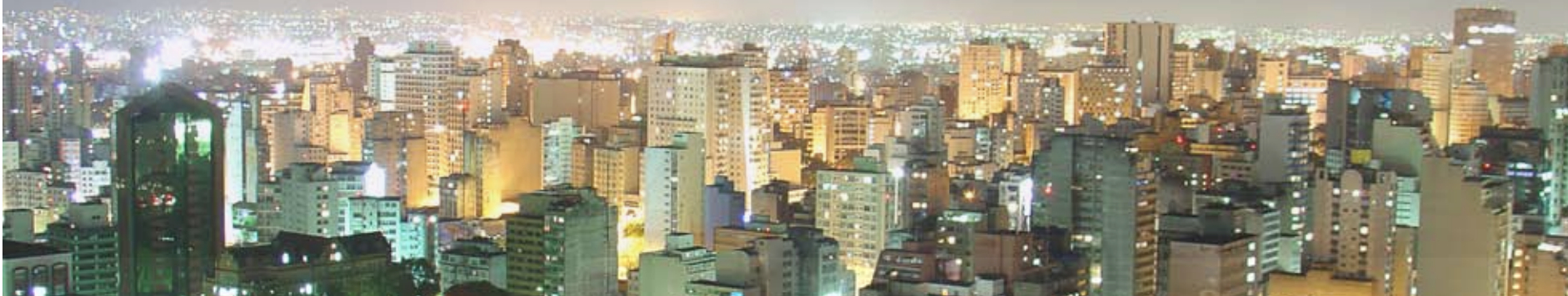
Kassab, quando foi escolhido para vice do Serra, candidato a prefeito, causou muita estranheza; diziam-se coisas desabonadoras sobre ele. Quando virou prefeito, não tinha muita coisa a perder, nem a ganhar. E ainda havia o fantasma vivo do Pita. Resolveu dar uma tacada definitiva, para marcar de vez sua passagem pela prefeitura. Encarou a despoluição e a cidade voltou a ser ela, eternamente bela e contundente.

Acho que os homens são como as cidades. Reparem: às vezes deixamos nossos sentimentos mais puros repletos de posturas inúteis e vaidades banais. Camuflamos a arquitetura humana e cristalizamos nossas emoções. Afinal de contas,

o que os vizinhos poderão pensar se perceberem que soluçamos compulsivamente? Ou então ser importunado pelo zelador que, a pedido do vizinho de baixo, pede para você abaixar o som, bem na hora que você estava tão feliz que resolveu ouvir música às onze da noite?

Então, a gente vai se moldando às circunstância e assim se dá a poluição do homem. Colam sobre sua existência regrinhas que, somadas, deixam o sujeito parecido com todos os outros sujeitos que vivem na urbe.

Minha sugestão é que cada um dê uma despoluídazinha básica em si mesmo. E pode ir começando pelo guarda roupa. Vai simplificando aí, pra não correr o risco de ter uma hora dessas uma plaquinha da Daslu em sua testa. 



Vips

Renato Teixeira na estrada



De repente porta malas se abriu e surgiu uma enormidade de CDs...

Não sei se nosso bardo vai gostar ou não. Logo após o segundo turno da eleição presidencial, dois glutões que residem nas Chácaras Cataguá descobriram que o nosso Dentinho também vive na clandestinidade. Ele foi visto junto com Sérgio Reis na porta do restaurante do Roberto, no Registro, na beira da rodovia Osvaldo Cruz. 



...quando nos aproximamos, lá estavam as duas estrelas, carros chefe da pirataria ambulantes